



PAISAGEM
ANCESTRAL
RECINTOS
CERIMONIAIS
TERRAS DO GUADIANA

PERDIGÕES ▾



18

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

MAR 2025

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ISSN: 2183-0924

ERA
ARQUEOLOGIA

***A**PONTAMENTOS*

de Arqueologia e Património

18

MARÇO

2025

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Março de 2025**

Volume: **18**

Capa: Circuito de recintos de fossos Paisagens Ancestrais

Recintos Cerimoniais de Terras do Guadiana

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

geral@era-arqueologia.pt

Revista digital.

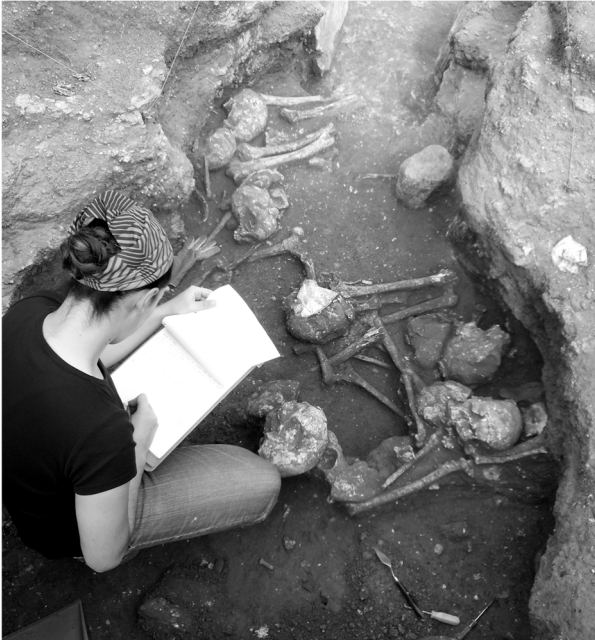
Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



ÍNDICE

EDITORIAL	07	Sérgio Amorim, José Carvalho, Carlos Jorge A DISPOSIÇÃO DA MURALHA FERNANDINA ENTRE O LARGO DOS LÓIOS E A RUA DA MADEIRA. RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA REALIZADA ENTRE 2021 E 2023	61
António Carlos Valera, Tiago do Pereiro MONTE DA LAJE E SÃO BRÁS 3. INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE RECINTOS DE FOSSOS EM SERPA (BEJA)	09	Francisco Raimundo, José Carvalho, Rui Pinheiro THE REBELLO HOTEL (VILA NOVA DE GAIA) – CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA PARA A HISTÓRIA DE UM SÍTIO	69
António Carlos Valera, Tiago do Pereiro CRONOLOGIA, ESPACIALIDADE E COMPLEXIDADE ARQUITECTÓNICA DOS RECINTOS DE FOSSOS NEOLÍTICOS ALENTEJANOS: UMA REVISÃO A PRETEXTO DO RECINTO DE TRIGO	23	José Carvalho O HORREUM DO CASTELO DE GAIA. NOVOS APONTAMENTOS SOBRE O ABASTECIMENTO MILITAR ROMANO NO CÂMBIO DA ERA	81
Camila Lacueva, Cláudia Maio, Sofia Nogueira, Lucy Evangelista, Tiago Nunes NOTÍCIA DA DESCOBERTA DA NECRÓPOLE DA VILLA ROMANA DE NOSSA SENHORA DE TOUREGA ...	43		
Ana Rita, Carlos Jorge, Paula Pereira, José Carvalho, Cláudia Maio, Lucy Evangelista ENTRE USOS E ABANDONOS: REVISÃO DOS CONTEXTOS DA RUA DE SANTA MARIA E TRAVESSA DOS APÓSTOLOS, SETÚBAL	53		



EDITORIAL

A Antropologia Biológica desempenha um papel fundamental na compreensão das populações do passado, permitindo-nos reconstruir aspetos essenciais da sua vida, saúde, mobilidade e interações sociais. No contexto da arqueologia, a análise dos vestígios humanos revela dinâmicas bioculturais que enriquecem a narrativa histórica e contribuem para uma visão mais completa das sociedades antigas. A interseção entre os métodos tradicionais e as novas abordagens científicas – da paleopatologia à genética antiga – tem ampliado significativamente o nosso conhecimento, tornando esta disciplina indispensável para o estudo do património arqueológico.

Na ERA Arqueologia, a Antropologia Biológica assume um papel central na investigação e valorização dos contextos funerários, destacando-se na análise dos testemunhos ósseos que emergem das intervenções arqueológicas. O compromisso com metodologias rigorosas e interdisciplinares permite-nos abordar questões sobre identidade, práticas rituais e impacto ambiental nas comunidades do passado. A colaboração com outras áreas, como a arqueotanatologia e a bioarqueologia molecular, reforça a capacidade de responder a questões cada vez mais complexas e de aproximar a ciência dos contextos patrimoniais.

Neste âmbito, a Antropologia Biológica continua a ser uma ferramenta essencial para interpretar os vestígios humanos e integrá-los nas narrativas arqueológicas mais amplas. A integração de novas tecnologias, a importância da salvaguarda do património osteológico e a necessidade de um olhar ético e contextualizado sobre os vestígios humanos são algumas das questões centrais que merecem ser debatidas.

Assim, a constante evolução desta disciplina exige um diálogo contínuo entre investigadores, promovendo abordagens cada vez mais integradas e multidisciplinares. Ao articular conhecimento científico com a valorização patrimonial, a Antropologia Biológica não só enriquece a compreensão das populações do passado, como também contribui para uma reflexão mais ampla sobre a nossa própria história e identidade.

Lucy Shaw Evangelista

A DISPOSIÇÃO DA MURALHA FERNANDINA ENTRE O LARGO DOS LÓIOS E A RUA DA MADEIRA. RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA REALIZADA ENTRE 2021 E 2023.

Sérgio Amorim¹
José Carvalho¹
Carlos Jorge¹

Resumo

Os trabalhos realizados pela ERA-Arqueologia (entre 2021 e 2023) no âmbito projeto de construção da Linha Circular, troço Boavista/Casa da Música-Liberdade São Bento (Metro do Porto), permitiram constatar a presença de um espaço de elevado potencial arqueológico. Os resultados obtidos revelaram novos dados relativos ao traçado da Muralha Fernandina e à ocupação do espaço entre o séc. XIV e a época Contemporânea. Na área designada como “frente das Cardosas”, localizada na praça da Liberdade, foi possível identificar parte da Muralha Fernandina e também de um torreão adossado à mesma. Esta última estrutura defensiva sofreu reformulações associadas à condução das águas do Rio de Vila e foi parcialmente demolida aquando da construção da Fonte da Natividade.

Abstract:

The disposition of the Fernandine wall between the Largo dos Lóios and Madeira Street. Results of the archaeological intervention carried out between 2021 and 2023.

The work carried out by ERA-Arqueologia (between 2021 and 2023) during the construction of Metro Circular Line, the Boavista/Casa da Música-Liberdade São Bento, in Porto, revealed the presence of an area with high archaeological potential. The results obtained revealed new data regarding the route of the Fernandine Wall and the occupation of the space between the 14th century and the Contemporary period. In the area known as “Frente das Cardosas”, located in Praça da Liberdade, it was possible to identify part of the Fernandina Wall and a tower attached to it. This last defensive structure underwent reformulations associated with the conduction of the waters of the Vila River and was partially demolished when the Fonte da Natividade was built.

1. Enquadramento e contextualização histórica

O crescimento económico vivido nos séculos XII e XIII derivados de um aumento de trocas comerciais e marítimas trouxe consequências notáveis ao desenvolvimento da cidade do Porto. Este incremento causa um aumento natural da população dentro da cerca defensiva da cidade, resultando consequentemente no ampliar paulatino do tecido urbano para os espaços extramuros do burgo.

É neste contexto que em meados do século XIV o monarca D. Afonso IV determina a construção de um novo cerco defensivo. A sua edificação tem início em 1355, com o propósito de proteção de uma nova realidade urbana e da vontade do bispado de controlar as transações comerciais e marítimas fora do cerco do burgo. Neste quadro, D. Afonso IV

promoveu os recursos necessários de uma obra de grandes dimensões com vista à sua rápida conclusão. Ao contrário da designação “Fernandina” na sua Classificação como Monumento Nacional, a autoria da mesma deveria ser atribuída a D. Afonso IV, pois foi no reinado deste que a sua construção se iniciou.

Contudo, D. Afonso IV faleceu dois anos após o início de sua construção sem ver a obra concluída. O seu sucessor, D. Pedro I não revelou grande entusiasmo pelo término da obra, o que fez com que esta não tenha sido concluída durante o seu reinado (Ramos,2000).

¹ Era Arqueologia SA.

Após o falecimento de D. Pedro I, a autarquia portuense alertou o seu sucessor, D. Fernando, propondo medidas céleres para completar a muralha. Da aprovação destas medidas pelo rei resultou a conclusão da muralha em 1376, ou seja, 40 anos desde o início de sua construção.

A “Fernandinha do Porto”, era consideravelmente robusta para a época com 3 metros de espessura, possuía cerca de 3 km de extensão. A sua envergadura era de 10 metros nos muros e 14 metros em postigos. Conforme refere Cabral (2019: 5). “No memorial de postigos e portas há divergências em seu número e nomes, porém há indícios que o máximo de portas e postigos atingido foi 17, 13 portas e 4 postigos”.

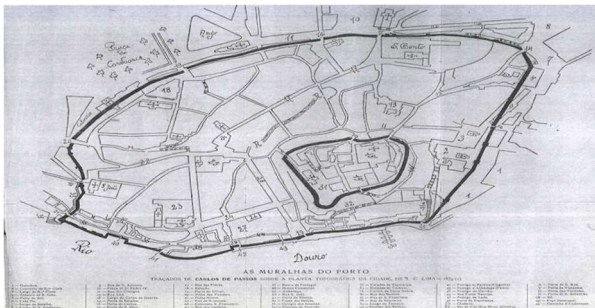


Figura 1 – Traçados da Muralha Fernandina sobre a planta topográfica da Cidade de J.C. Lima – 1839 (PASSOS 1921:2).

A Muralha Fernandina mantém-se como elemento estruturante da cidade durante os séculos XV e XVI, registando-se, todavia, uma contínua intensificação das trocas comerciais devido aos Descobrimentos.

Na primeira metade do século XVI ocorrem duas alterações importantes, abrem-se as portas Nobre, atual zona da Rua Nova da Alfândega, e dos Carros, junto à atual Estação de São Bento. Esta última passa a permitir a circulação de suprimentos, e como seu próprio nome sugere, permitia a passagem de veículos.

O Foral de D. Manuel I (séc. XVI) promove o desenvolvimento urbano com novos arruamentos (Rua das Flores criando uma ligação entre a Porta dos Carros à Ribeira). A cidade do Porto regista um aumento notável da sua população, triplicando ao fim do século XVI. É esta tendência demográfica que vai promover sucessivas alterações à trama urbana e promover novamente a sua expansão para o extramuros da Muralha Fernandina. Será de destacar o acórdão lavrado a 10 de dezembro de 1401 que é representativo desta realidade “expansionista” do urbanismo da cidade.

“É datado de 10 de dezembro de 1401 um acórdão, aprovado pelo juiz, vereadores, procurador e homens bons da cidade do Porto, que permitiu o escambo de propriedades do concelho por outras do contador João Girdes e de sua mulher Inês Sanches, todas sitas no Olival. Aí se denuncia a progressiva urbanização da área que ficava extramuros e num ou outro ponto a consenti-la, de passo que no mesmo acórdão há referências ao rossio, a ruas e a uma estrada, indicações

estas que são fundamento bastante para intuirmos do grau da progressão em causa” (Cruz, 1973: 109).

Destaca-se também a construção de novos conventos no espaço intramuralhas, nomeadamente o Convento de Santo Elói, em 1491, e de São Bento da Avé-Maria, em 1518. Importante denotar que embora se registre um aumento populacional considerável, a transferência de poder régio durante a monarquia Filipina (1580-1640) não trouxe alterações consideráveis ao urbanismo da cidade. Já com a restauração da Monarquia inicia-se uma nova fase de desenvolvimento urbano pautado pelo aumento da produção agrícola, vinho e cereais e sua comercialização.

Ao longo do século XVII o incentivo à urbanização extramuralhas promove o melhoramento das condições de salubridade, destacando-se a construção de diversos canais subterrâneos para escoamento de águas (de destacar canal subterrâneo desde a Arca da Água até ao campo do Olival). O Campo das Hortas apresenta as suas primeiras transformações com o alargamento da rua e criação da Fonte da Arca (Fonte da Natividade) em 1608 (renovada em 1682), aproveitando e acondicionando as águas do Rio Vila.

A entrada no século XVIII revela-se determinante para o desenvolvimento da cidade do Porto. Observou-se sobretudo um incremento das intervenções e reorganização urbana na segunda metade do século devido à influência dos Almada. Em 1725 regista-se, também, o papel de Nicolau Nasoni, arquiteto e pintor italiano, que é responsável pela obra conjunta dos Clérigos e da Frontaria da Igreja da Misericórdia.

O processo de transformação urbana começa efetivamente na segunda metade do séc. XVIII com os trabalhos promovidos por João de Almada que presidia, em 1762, a Junta de Obras Públicas. Esta instituição vai promover a construção de praças, novos arruamentos e uma reorganização geral da trama urbana, com a regularização de bairros com plantas prévias. João de Almada desenvolve então um processo de ordenamento do território e reorganização urbana, assente na salvaguarda de conjuntos de edifícios e estabelecimento de relação entre o edificado e as ruas. Esta medida vai resultar na transposição da muralha Fernandina, através da abertura de vias e praças mais largas. Aqui será de sublinhar a implantação da rua de Cedofeita e da Calçada da Natividade (atual rua dos Clérigos). Também nesta época, os postigos de Santo Elói, posterior porta do Almada, e o postigo do Sol tornam-se portas.

É na segunda metade do século XVIII que se inicia a reformulação do Campo das Hortas (atual Praça da Liberdade) para a futura Praça Nova. Esta reformulação é promovida por uma tentativa de instauração de um novo centro cívico, funcionando como novo centro agregador. A transformação deste espaço resulta na instalação, em 1819, do poder municipal com a construção das casas nobres de Morais Amorim e Monteiro Moreira.

No primeiro quarto do século XIX, deu-se a primeira fase de demolições da muralha para ampliação do Convento dos Lóios e da Porta dos Carros. Em 1833, o Cerco do Porto pelos

Miguelistas provocou sérios danos à estrutura citadina intramuros.

Após estes acontecimentos, a população mais abastada, que residia dentro da cerca, busca zonas mais altas e menos urbanizadas para se fixar. Estas novas zonas da cidade sofreram reordenamento enquanto a cidade intramuros ficou entregue à população menos abastada que sem meios para deixar a zona, permaneceu no espaço que se degradou, cresceu verticalmente aumentando o número de pisos das edificações de forma precária e em más condições de salubridade. Estes fatores associados à alta concentração populacional ocasionaram inclusive surtos de cólera (Rocha, M., Ferreira, 2014).

Em 1834, dá-se a Extinção das Ordens Religiosas, juntamente a esta mudança na ordenação social de Portugal deu-se a disponibilização de diversos imóveis anteriormente ocupados pela igreja, passando estes a abrigar importantes equipamentos urbanos. O exemplo mais flagrante da conversão de espaços religiosos em equipamentos urbanos é a Estação São Bento e seu antecessor, o Convento de São Bento da Avé-Maria.

Exemplo no qual o processo de transformação de convento em estação ferroviária, em 1894, implicou demolições do pano nordeste da muralha, sendo esta demolição uma das últimas grandes demolições sofridas pela Muralha Fernandina do Porto.

O século XIX é marcado pelas invasões francesas (1807-1813) e depois pela guerra civil (1832-1834) que travaram o desenvolvimento económico e urbano que ocorria desde meados do século XVII. O “Cerco” do Porto durante a guerra civil trouxe uma nova preocupação pelo reordenamento espacial e social, com o desenvolvimento de projetos a nível urbanístico elaborando-se a Planta Topográfica da cidade do Porto em 1839.

A intervenção arqueológica revelou, tal como previsto em documentos cartográficos, que a estrutura defensiva toma a direção do Palácio das Cardosas.

2. Descrição dos contextos identificados

A realização do diagnóstico arqueológico (escavação em área) permitiu avaliar a sensibilidade arqueológica deste sítio, bem como registar a diacronia de ocupação entre o século XIV e a época Contemporânea.

2.1. Contextos associados ao Largo dos Lóios

A escavação em área no Largo dos Lóios revelou uma estratigrafia bastante perturbada essencialmente constituída por depósitos de aterro e nivelamento associados às sucessivas remodelações do espaço e à instalação de infraestruturas de cronologia contemporânea.

Com o alargamento da sondagem de diagnóstico realizada numa fase prévia, confirmou-se a presença de materiais de cronologia contemporânea na vala de fundação, U.E. [241], de uma estrutura, a U.E. [232], possivelmente relacionada

com a Muralha Fernandina. A sul da mesma foi observada uma estrutura, a U.E. [226] constituída por uma fiada de silhares de grande dimensão em granito com face virada para sul. Esta apresenta um aparente “miolo” de pedras de irregulares de grande dimensão e aparenta ter sido cortada pela vala de fundação U.E. [241] da estrutura anteriormente associada à muralha. Tendo em conta o alinhamento que possui há uma forte possibilidade de ser esta estrutura o que resta da Muralha Fernandina.



Figura 2 – (Em cima) Planta de Champalimaud de Nussane (1790). Reprodução sem escala. <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/332326/?q=Champalimaud+de+Nussane>. (Em baixo) Localização da intervenção no Largo dos Lóios.

Em ambas as estruturas verificou-se uma grande perturbação e destruição provocadas pela instalação de infraestruturas contemporâneas.

De referir também a presença de duas canalizações contemporâneas sobrepostas, U.E. [224] e U.E. [230], que cortam a estrutura associada à muralha, U.E. [226], e a estrutura U.E. [232], identificada numa fase prévia.

Verificou-se ainda que as estruturas anteriormente referidas encostam a um maciço, a U.E. [231], constituído por pedra em granito e argamassa. Este maciço, com marcas de afetação recentes, possivelmente estará relacionado com o anterior postigo de Santo Elói, ou com a posterior transformação do mesmo numa nova porta (a Porta do Almada), uma vez que se encontra enquadrado com a Rua do Almada.



Figura 3 – Estrutura [226] constituída por silhares de grande dimensão que possivelmente pertenceria à muralha Fernandina. Paralela á estrutura [232].



Figura 4 – Estrutura em granito e argamassa que poderá estar relacionada com um postigo da muralha Fernandina ou reformulação de uma porta.

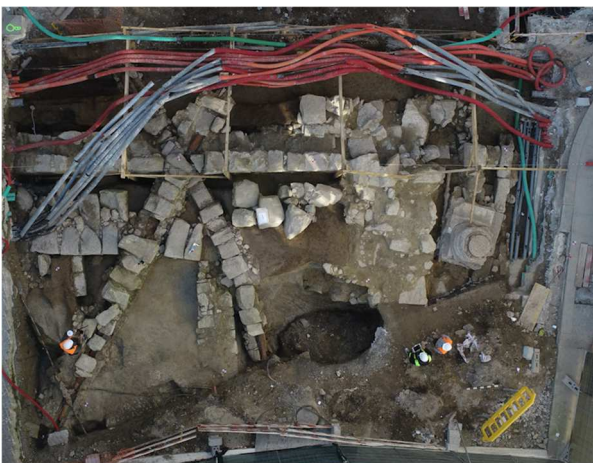


Figura 5 – Foto aérea das estruturas identificadas no Largo dos Lóios.

Destaque também para a presença de um muro, U.E. [251], assente no substrato geológico, U.E. [225], com a orientação norte-sul. Este muro poderá ter pertencido a uma casa adossada à muralha que terá sido demolida na segunda metade do séc. XVIII, aquando da necessidade de alargar o

espaço conhecido como “Terreiro de Santo Elói”, transformando o mesmo numa praça mais ampla.

2.2. Contextos associados à Praça da Liberdade

Após a escavação em área no Largo dos Lóios, e face à incerteza em relação ao traçado da Muralha Fernandina na Rua dos Clérigos, procedeu-se à escavação em nove fases distintas da área compreendida entre a esquina poente do palácio das Cardosas e a entrada do atual Hotel Intercontinental.

Após a decapagem dos depósitos contemporâneos e posterior identificação do aqueduto, U.E. [400], que se estende por toda a Rua dos Clérigos, foi identificada a calçada U.E. [412]. Esta foi colocada a descoberto até à galeria, a U.E. [474], (datada da década de 30 do século passado) onde corre atualmente o Rio de Vila, sensivelmente junto à entrada do Hotel intercontinental.

A calçada apresentou uma extensão de cerca de 15X6m, sendo visível uma vala, U.E. [422], para instalação de saneamento, U.E. [423], que destruiu parte da mesma. Foi ainda possível verificar o limite sul da calçada, sendo que a norte já se encontrava destruída pela vala, U.E. [408] realizada para a construção do aqueduto [400] que corre sensivelmente a meio da Rua dos Clérigos (sentido poente-nascente) e também por outras infraestruturas mais recentes.

Após o desmonte da calçada e remoção dos depósitos de aterro, U.E. [415] e U.E. [417], surgiu uma outra estrutura, U.E. [443], já bastante afetada, constituída por uma face de silhares de grande dimensão e aparelho regular e um miolo de granito irregular de média e grande dimensão. Esta estrutura, identificada como sendo a face de um torreão da Muralha Fernandina, encontrava-se sob a calçada desmontada, U.E. [412].

O torreão, U.E. [443], foi bastante afetado quer pela construção da galeria do Rio de Vila, quer pela instalação de uma conduta de saneamento, U.E. [423], a mesma que já havia destruído parte da calçada, U.E. [412], do séc. XVIII descrita anteriormente e que cobria o que restou do torreão. O desmonte do mesmo terá sido consequência da necessidade de harmonizar aquele espaço após a construção da última fase da Fonte da Natividade.

Após a remoção dos depósitos localizados entre o torreão e a fachada do Palácio das Cardosas foi possível observar que nesta área não se verificava a presença de “pedra de miolo” do mesmo, ficando visível na totalidade a face sul do “miolo do torreão” e as últimas fiadas da Muralha Fernandina. O facto de apenas existirem duas a três fiadas de pedra da muralha evidencia que, aquando da construção do Palácio das Cardosas, parte da pedra terá sido reaproveitada para a construção do mesmo. Isto é visível no tipo de pedra usado no seu embasamento.

Na base da muralha foi identificado um caneiro, U.E. [468], com a orientação norte-sul, pertencente a um aqueduto visível no corte do miolo do torreão. Este aqueduto atravessava a

muralha e o torreão e faria parte da muralha original. Aparenta ter como função a drenagem ou captação de água, tendo pendente para a face interna da muralha, ou seja, para Sul.



Figura 6 – Localização da área intervencionada na Praça da Liberdade.



Figura 7 – Perspetiva da calçada U.E. [412].



Figura 8 – Estrutura [443]. Torreão com face constituída por silhares regulares e miolo com pedra de grande e média dimensão.

Na zona nascente, junto à galeria do Rio de Vila, foi identificada uma conduta, U.E. [458], em arco ogival que atravessa toda a muralha e que seria onde, originalmente, o Rio de Vila atravessava a mesma. Esta conduta terá tido diferentes fases, pois foi possível observar que a sul da muralha esta sofreu um acrescento posteriormente coberto por um nível de circulação em lajeado, U.E. [460], entretanto já bastante destruído.

O escasso espólio recolhido no enchimento, U.E. [478], do interface associado à fundação da muralha, aparenta ter cronologia medieval sendo constituído por cerâmica utilitária e de construção.

Na zona a nascente da galeria, U.E. [474], do Rio de Vila foi identificada a face de uma estrutura, U.E. [472], que se associou a uma fase posterior da Muralha Fernandina. O aparelho, U.E. [464], junto à face norte, apresenta sinais de uma remodelação da estrutura na zona do arco na entrada da galeria. Toda a fachada terá sido reconstruída e realinhada com o objetivo de reforçar o torreão na zona da passagem do Rio de Vila. Contudo a relação com a face norte do torreão terá sido perdida aquando da construção da atual galeria, U.E. [474], do Rio de Vila nos anos 30 do séc. XX.



Figura 9 – Foto aérea da área do torreão [443] onde é visível a base e alinhamento da Muralha Fernandina U.E. [454].



Figura 10 – Pormenor conjunto de fragmentos de cerâmica de uso quotidiano de cronologia medieval.

Após escavado o enchimento da galeria, tendo em conta os materiais contemporâneos observados no seu interior e a documentação histórica disponível, podemos supor-se que a mesma terá sido utilizada, no mínimo, até aos anos 30 do séc. XX, quando foi construída a atual galeria do Rio de Vila. Na zona da entrada é possível observar uma calha em granito e dois grandes encaixes ao nível do lastro também em granito. É de supor a existência prévia de uma comporta e/ou gradeamento na zona da entrada.

Na sequência da identificação de um dos troços da Muralha Fernandina e respetivo torreão, e devido ao facto do mesmo se prolongar para além da área intervencionada, foram realizados alargamentos para nascente a fim de se verificar a presença da restante muralha.

Após a remoção dos depósitos de aterro, foi possível identificar em praticamente toda a área de intervenção vestígios da Muralha Fernandina. Verificou-se a existência de ambas as faces (interna e externa) da mesma, sendo possível determinar uma largura de cerca de 4,70m ao nível da base. Sensivelmente ao centro verificou-se uma falha no alinhamento provocada por um saque de pedra.

As últimas fiadas da muralha são constituídas por silhares de grande dimensão e não muito regulares. É de destacar o facto de alguns desses silhares serem almofadados podendo eventualmente ser reaproveitados de uma estrutura de origem romana.

Foi ainda possível constatar que o traçado da muralha neste ponto tem uma curvatura e que a mesma se orienta para baixo do edifício das Cardosas em direção à Praça Almeida Garrett.



Figura 11 – Panorâmica da estrutura U.E. [472], associada ao torreão, cortada pela galeria do Rio de Vila.



Figura 12 – Pormenor de encaixes no lastro e calhas nas paredes para possível comporta.



Figura 13 – Pormenor da curvatura da muralha Fernandina.



Figura 14 – Pormenor da face interna da muralha Fernandina.

3. Considerações Finais

No decurso da intervenção (realizada entre 2021 e 2023) que abrangeu o Largo dos Lóios e a Praça da Liberdade (em frente ao Palácio das Cardosas), foi possível esclarecer parte das incertezas em relação ao traçado da Muralha Fernandina.

Se já seria exatável a localização da muralha, o mesmo não pode ser dito do torreão identificado, pois este não estava representado na cartografia histórica disponível, havendo apenas relatos da sua demolição com o objetivo de harmonizar o espaço público após a construção da última fase da Fonte da Natividade em finais do séc. XVII.

Apesar de ter sido possível confirmar o traçado da muralha, verificou-se que a estrutura foi bastante afetada/saqueada pelas construções adjacentes (Fonte da Natividade e Palácio das Cardosas), pelos arranjos urbanísticos circundantes e pelas infraestruturas que foram sendo instaladas ao longo dos séculos no Largo dos Lóios, Rua dos Clérigos e Praça da Liberdade.

No Largo dos Lóios as estruturas postas a descoberto refletem, essencialmente, as alterações urbanas sofridas no séc. XVIII promovidas por João de Almada. Efetivamente, a estrutura identificada numa fase prévia, cujo alinhamento corresponde ao da Muralha Fernandina, tem uma largura bastante inferior ao exatável de uma estrutura defensiva. Esta terá surgido em sequência da substituição do postigo de Santo Elói por uma porta mais larga (Porta do Almada), com o objetivo de facilitar a ligação do Terreiro de Santo Elói à Rua



Figura 15 – Alçado Norte do torreão [443] onde é visível a destruição provocada pela construção da galeria do Rio de Vila.

do Almada, e consequentemente, o acesso a Braga e Guimarães. A construção da porta foi arrematada em 1764 por Caetano Pereira (“A.H.M.P. [Arquivo Histórico Municipal do Porto], Arrematações, Livro 4º, fls. 5v.-7v.”) com as seguintes cláusulas:

– Teria de demolir a muralha *“quanto for necessário para assentar a portada com toda a sua fachada na forma das plantas”*;

– A obra seria toda de *“escoadria de pedra branca, limpa e bem lavrada e ajuntada livre de falhas tudo escodado, e bornido, e so o que nas plantas se mostram/almoçadas serão todas de picam muito meudo”*;

– O remate da fachada exterior seria executado na forma da planta, com pedra de Santa Cruz do Bispo ou de São Gens, e como este remate *“o emcobre a sacada da cornige para se não puder ver a mayor parte delle do sobreleito da cornige para cima sera asentado sobre huma facha ou soco da escoadria lavrada de tres palmos de alto resaltado nos prumos dos membros da fachada, em pilastras, e contrapilastras”*;

– O mestre que arrematou a obra aproveitaria a pedra que se extraísse da parte da muralha demolida.

Estes relatos confirmam que a muralha foi efetivamente destruída neste ponto e substituída pela estrutura registada (no alinhamento da muralha) aquando da intervenção no Largo dos Lóios.

Após a destruição da muralha, em finais do século XVIII, o Largo dos Lóios sofreu vários arranjos urbanísticos e instalações de infraestruturas várias, que causaram bastante impacto nas estruturas que restaram associadas à mesma. Mesmo os escassos materiais recolhidos, durante a intervenção arqueológica, apontam para cronologias recentes, sempre posteriores ao século XVIII.

Quanto aos trabalhos relativos intervenção, que se estendeu por toda a extensão da fachada do Palácio das Cardosas, numa primeira fase há a destacar a identificação da calçada

que se desenvolve entre a área ocupada pela Fonte da Natividade e o Palácio das Cardosas. Esta corresponderá à anterior “Calçada da Natividade” (posteriormente ficaria conhecida como “Calçada dos Clérigos”). Esta calçada terá sofrido uma renovação no séc. XVIII em consequência das alterações promovidas por João de Almada, no caso em concreto, a abertura da Porta do Almada na Muralha Fernandina. Esta estrutura apresentou-se bastante saqueada e destruída pela instalação de infraestruturas contemporâneas, contudo, foi possível identificar o seu traçado e o seu limite sul.



Figura 16 – Galeria em arco ogival, por onde o Rio de Vila atravessaria a muralha.



Figura 17 – Pormenor: Interior da estrutura, U.E. [468], de captação de água no substrato geológico, integrada no miolo do torreão.

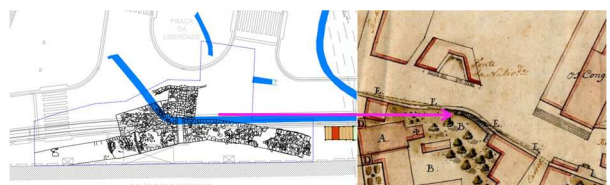


Figura 18 – Planta das estruturas associadas à Muralha Fernandina comparada com a cartografia de José de Champalimaud de Nussane (1790).

O grande destaque da intervenção arqueológica foi a confirmação do traçado da Muralha Fernandina na área em frente ao palácio das Cardosas. Foi possível validar o traçado representado na planta de José de Champalimaud de Nussane (1790). Contudo, na representação de Nussane, não se observa o torreão que surgiu durante os trabalhos de escavação. Este torreão, também bastante afetado pela instalação de infraestruturas de saneamento contemporâneas, terá sido demolido após a renovação da Fonte da Natividade em 1682 com o objetivo de harmonizar o espaço contíguo à mesma. Foi ainda observada a reformulação existente, na zona do torreão, onde o Rio de Vila atravessava originalmente a muralha. Esta zona terá sido reforçada ao longo do tempo tendo sido adaptada (e também reformulada na sua fachada) aquando da construção do aqueduto que acompanha a Rua dos Clérigos até à Praça da Liberdade no século XVIII. Podemos aqui talvez olhar para esta estrutura de reforço, como uma estrutura construída (eventualmente no século XVII) neste contexto de canais subterrâneos de escoamento, potencialmente relacionada também com a Fonte da Natividade. O abandono da mesma deverá ter ocorrido aquando da construção da atual galeria do Rio de Vila nos anos 30.

Em relação à estrutura relacionada com a Muralha Fernandina esta foi bastante saqueada em toda a sua extensão na Praça da Liberdade. Ficou claro que grande parte da pedra saqueada foi utilizada na construção do embasamento do Palácio das Cardosas, tendo restado apenas duas a quatro fiadas de pedra no alinhamento original. A exceção está no facto de a galeria em arco ogival, por onde o Rio de Vila atravessaria a muralha, ter resistido por questões de utilidade da estrutura.

Destaque ainda, para a estrutura de captação de água no substrato geológico, integrada originalmente no miolo do torreão que canalizava a mesma para o interior do pano de muralha.

Com o término dos trabalhos, foi possível confirmar o traçado da Muralha Fernandina e adicionar novos dados aos anteriormente conhecidos.

Bibliografia

AGUIAR-BRANCO, Luís Bourbon (2018) – *A muralha Gótica do Porto. Contributos para uma nova visão sobre a cidade medieval rodeada de muralhas*. Tripeiro, 7.ª Série, Ano XXXVIII, n. 07: 219-220.

BARKER, P. (1989) - *Techniques of archaeological excavation*, 2 ed. [1ª Ed. 1977], London, Batsford Book.

BONIFÁCIO, M. (2014) – *Princípios de Ação para a revalorização das capelas da muralha fernandina do centro histórico do Porto*. Mestrado integrado em Arquitetura e Urbanismo, Vila Nova de Cerveira: 87-89.

CABRAL, M. (2019) – *A muralha gótica do Porto: cintura e limites da cidade*. Unidade Curricular Arquitetura II. Mestrado em História de Arte, Património e Cultura Visual. FLUP. Disponível em https://www.academia.edu/40718107/MURALHA_G%C3%93TICA_DO_PORTO_CINTURA_E_LIMITES_DA_CIDADE.

CRUZ, A. (1973) – *Tempos e Caminhos: Estudos de História*. Porto:[s.e]: 109.

FERREIRA, N.; ROCHA, M. (2013) – *Etapas de consolidação da paisagem urbana do Porto Contemporâneo: da programação dos Almadás ao plano de 1952*.

(Disponível em <https://repositorioaberto.up.pt/handle/10216/78025>).

HARRIS, E. C (1991) - *Princípios de Estratigrafia Arqueológica*, [1ª Ed. 1979], Barcelona, Editorial Critica.

PINTO, J.R. (s.d.) – *Antes dos Almadás, Geografia do Porto*. Porto, pp.73-75.

https://www.researchgate.net/publication/344243449_Geografia_Historica_Antes_dos_Almadas.

PIMENTA do VALE, C. (2017) – *El proceso de construcción del centro cívico de Porto en el período entre guerras: la introducción de nuevos materiales, sistemas constructivos y vocabulários arquitectónicos*. Acta del Décimo Congreso Nacional y Segundo Congreso Internacional Hispanoamericano de Historia de la Construcción. Volume III. San Sebastián 3 – 7 de octubre.

QUEIRÓS, J. L. (2014) – *O Porto – A formação da Urbe entre o Século XII e o Século XVIII*. ERASMO: *Revista de Historia Bajomedieval y Moderna*: 142-143.

ROCHA, M.; FERREIRA, N. (2014) – *Etapas de Consolidação da Paisagem Urbana do Porto Contemporâneo: Da programação dos Almadás ao Plano de 1952*. Porto: CITCEM, Edições Afrontamento: 191-193.

SOUSA, F. R. Da (1994) - *Tempos Medievais*, in “*História da Cidade do Porto*”. 2ª ed. Porto, Porto Editora.

VITORINO, P. (1946) – *As Muralhas Fernandinas do Porto*. Palavras de Apresentação, *Douro Litoral*, Porto, 2ª série, 6: 3-55.

Fontes

“A.H.M.P. [Arquivo Histórico Municipal do Porto], Arrematações, Livro 4º, fls. 5v.-7v.”

Planta de Champalimaud de Nussane (1790). Reprodução sem escala. <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/332326/?q=Champalimaud+de+Nussane>.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Publicação de workshops



Série ERA Monográfica (2013 – 2025)

Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)

